

Luís Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos*

de Daniel Aarão Reis

O Velho sob um novo olhar

A New Look at the Old Man

por Bernardo Soares**

Poucas figuras encarnam de maneira tão profunda a história do Brasil do século XX como Luiz Carlos Prestes, aquele a quem Neruda em um par de palavras atribuiu características que poderiam sintetizar sua vida: tragédia e portento. Apesar da singular trajetória, a vida de Prestes ainda guarda desconhecimento por parte da maioria dos brasileiros, vítima que é de frequentes “esquecimentos voluntários” e silenciamento, impostos desde os grandes meios de comunicação aos livros didáticos.

Sempre houve, contudo, aqueles que se dispuseram a remar contra a corrente, insistindo em desvelar as brumas que ainda envolvem a história de Prestes, o que, admite-se, não é fácil tarefa. Seja por sua dimensão secular de vida, seja pela forte relação entre essa trajetória e a história do Brasil e os principais acontecimentos mundiais do século XX, ou então pelas controvérsias e paixões ainda suscitadas em torno desse personagem, o certo é que, do ponto de vista historiográfico, seu estudo consiste em um desafio inaudito. Considerando tais fatos, podemos mensurar o significado da biografia de Luiz Carlos Prestes, de

* São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

** Mestre em História pela Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, Brasil.
End. eletrônico: bernardo.soares.pereira@hotmail.com

autoria Daniel Aarão Reis Filho, professor da Universidade Federal Fluminense, vencedora do prêmio Jabuti na categoria melhor biografia.

Ainda que ao trabalho em questão somem-se outras importantes obras acerca de Prestes, trata-se da primeira biografia propriamente dita do dirigente comunista, tendo o mérito de condensar as principais questões em relação ao tema e aos momentos-chave da vida de Prestes, da história do Brasil e do movimento comunista internacional – os dois mundos os quais o título do livro indica –, abrindo novas possibilidades de interpretação para seus estudos. Para escrever o livro, o autor afirma terem sido necessários cinco anos de preparação, período em que essa pesquisa coexistiu com outros projetos profissionais. Ao considerarmos a envergadura do desafio, pode-se presumir um tempo razoavelmente curto. No entanto, grande parte das análises contidas no livro, como o estudo da história do Brasil do século XX, em especial sobre o golpe de 1964, as análises acerca do Partido Comunista Brasileiro e da Revolução Russa, são temas de estudo íntimos ao autor, sendo retomados aqui em seus pressupostos centrais, sugerindo-se que, na verdade, trata-se de uma obra fruto de uma longa gestação.

Logo de início, a redação do livro chama atenção. A narrativa fluida e envolvente não permite dúvidas: estamos diante de um autor com grande capacidade estilística, uma qualidade incomum a grande maioria das obras acadêmicas, mas que, em se tratando de um livro com mais de quinhentas páginas, é condição fundamental para garantir o alcance a um público extrauniversitário. Contudo, mais do que um esforço do autor para expandir seu público leitor, a narrativa do livro expressa sua concepção de fazer história. Em um debate de apresentação do livro, Aarão afirma que a ideia de fugir do academicismo foi por ele abraçada há décadas, quando adotou a forma de narrativa utilizada no livro, que, para ele, em linhas gerais, significa utilizar as fontes sem nelas tropeçar a todo momento.

Sobre as fontes, há de se destacar a grande variedade utilizada durante a pesquisa, dentre as quais merecem destaque as dezenas de entrevistas feitas com familiares – essas em alguns momentos do livro fornecendo uma visão unilateral dos fatos – e antigos partidários de Prestes, muitos dos quais nem sempre guardaram boa relação com o biografado. Entre os arquivos pesquisados, menção especial para o da Internacional Comunista, em Moscou, e o acesso a áudios de algumas das reuniões do Comitê Central do PCB no exílio, que ajudam a compreender a disputa política travada no interior desse partido, pouco a pouco polarizando Prestes aos reformistas, o que em 1980 ocasionaria sua saída do partido. Ainda que nenhuma das fontes trabalhadas altere o curso das pesquisas existentes sobre o tema, ajudam a iluminar algumas relevantes questões.

Contudo, dada a narrativa do livro, somos conduzidos a um outro problema, que é o leitor não se dar conta das fontes e referências utilizadas pelo autor, uma vez que sua identificação nem sempre fica evidente. O estudioso mais atento provavelmente sentirá falta das referências mais claras, uma vez que no decorrer do livro são raras as citações e notas de rodapé, ficando todos os comentários a respeito das fontes relegados às páginas finais e feitos sempre de maneira muito genérica, muitas vezes sem especificar ao certo qual é a fonte em questão e a passagem do livro à qual ela se remete.

Ao passo que o autor adota de forma consciente esse tipo de narrativa, a editora também parece defendê-la com vistas ao sucesso editorial, como podemos ver em outras recentes biografias igualmente lançada pela Companhia das Letras. Se, por um lado, a leitura se torna mais fluída e menos enfadonha, por outro, aspectos importantes da discussão historiográfica são colocados de maneiras superficiais. A editora oferece e o autor aceita. Ainda que o próprio autor em alguns momentos mencione a existência do debate historiográfico, como a ligeira menção às distintas interpretações do golpe de 1964 e sua crítica ao veio analítico de René Dreifuss, a narrativa é construída de forma a induzir o leitor a pensar que o que está sendo dito é ponto de comum acordo. A narrativa, assim, agiganta-se a ponto de eclipsar o debate historiográfico.

Sobre a forma de exposição do livro, a vida do biografado é dividida no que o autor chama de “três grandes conjunturas”, que mesclam importantes momentos da vida nacional, em geral, e da vida de Luiz Carlos Prestes, em particular: a primeira que vai de seu nascimento, em 1898, até o frustrado levante de 1935, passando pelos anos da lendária coluna Prestes e sua adesão ao comunismo; a segunda que vai dessa data até 1964, englobando os nove anos de cárcere amargados por Prestes quando daí sai para se tornar uma das maiores figuras da vida política nacional, até a derrota sofrida pelas forças populares com o golpe civil-militar; a última conjuntura se estende até o falecimento do cavaleiro da esperança, em 1990.

Os capítulos destinados a analisar os primeiros anos e a vida familiar de Prestes foram questionados e acusados de conterem inverdades. Ainda que o autor da biografia mostre estar sustentado em fontes para as afirmações que faz, como é o caso da paternidade de algumas irmãs de Prestes e a existência de um filho de Olga Benário antes de sua vinda para o Brasil, o certo é que tais elementos são apenas marginais para a compreensão da trajetória política do cavaleiro da esperança. Da mesma forma, estudiosos e grandes conhecedores da vida de Prestes, como a historiadora Anita Prestes, apontaram alguns equívocos do ponto de vista factual, mas que, salvo para o historiador mais atento, passam despercebidos pelo leitor e também não comprometem a qualidade do livro.

As discussões que necessitariam de um maior aprofundamento e discussão são aquelas relacionadas às chaves de leitura utilizadas pelo autor para a compreensão da trajetória de Luiz Carlos Prestes. Por exemplo, no que diz respeito às principais características da personalidade política do biografado, o autor sustenta que, em que pese a evolução de Prestes ao longo de sua trajetória, ele manteria ao longo de toda a sua vida referências ideológicas e políticas do período em que adere ao comunismo, construídas sob a influência da linha política aprovada no VI Congresso da Internacional Comunista. Nesse sentido, sendo formado no período em que se despontaria a liderança política de Stalin na URSS e no movimento comunista internacional, o autor do livro afirma que Prestes é forjado na cultura do centralismo, do mando vertical e do autoritarismo, o que, em tese, explicaria seu recorrente sectarismo. Uma interpretação ousada, mas que em muitos momentos parece tanto encarar a formação de Prestes como algo cristalizado, quanto secundarizar os debates que estavam sendo colocados em cada momento.

Ainda nessa diretriz, o autor sugere como central a noção daquilo que chama de “revolução catastrófica”, termo que não tem seu significado expresso de maneira clara ao longo do livro, mas que se apresenta há algum tempo em outras obras suas. Tendo como eixos a inexorabilidade de revolução e sua concretização através de métodos violentos, apocalípticos, essa proposição também hegemonizava o movimento comunista e o próprio PCB na ocasião do ingresso de Prestes, sendo também aspecto fundante de seu ímpeto revolucionário, ainda que, em diversos momentos de sua vida partidária, tenha sido ele próprio o mediador entre essa concepção e tendências gradualistas. Posição análoga a um árbitro, e que somente abria mão em finais dos anos 70, quando optaria pela colisão frontal com o restante do Comitê Central. Mais uma leitura audaciosa feita pelo autor do livro, mas que por vezes pode parecer simplificar as tomadas de posição de Prestes.

Com as questões aqui apresentadas, o livro *Luís Carlos Prestes: um revolucionário entre dois mundos* traz ao público a história de um personagem fundamental para o estudo da história do Brasil contemporâneo, sendo, pois, uma incontestável contribuição para o estudo de sua vida e de seu legado político, passíveis de despertarem paixões até os dias atuais, mas, sem dúvidas, incontornáveis.